

**LÉXICO E DISCURSO:  
A CONSTRUÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE  
E DA INTERDISCURSIVIDADE**

Ângela Cristina Rodrigues de Castro (CMRJ)  
[rcastrocristina@gmail.com](mailto:rcastrocristina@gmail.com)

**RESUMO**

Este artigo tem como proposta apresentar as escolhas lexicais como ações linguísticas de materialização do lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, a partir do reconhecimento da intertextualidade e da interdiscursividade como instrumentos de construção e produção de sentidos. Segundo tal perspectiva, todo texto é percebido como um evento no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, numa concepção dialógica (BAKHTIN, 1992). A análise apoia-se, principalmente, na semiolinguística, uma vertente da análise de discurso francesa, que constitui um olhar sobre o discurso, entendido como um processo interativo em uma determinada situação, resultante de um “contrato” (CHARAUDEAU, 2008) atribuído por um determinado grupo social, em uma dada situação sociointerativa. Tal vertente da análise do discurso, fundamentada em estudos de ordem semiótica e linguística (CHARAUDEAU, 2008), organiza-se como um ramo transdisciplinar do conhecimento que estabelece um diálogo com a linguística textual (POSSENTI, 1998; FRANÇA, 2003; VALENTE et al., 2005), a pragmática (REYES, 1994), a semiótica, a lexicologia e a semântica (VILELA, 1994; ALVES, 2007; HENRIQUES, 2008; RASKIN, 1985), a estilística (CARVALHO, 2004; FLORES et al., 2009; BRAIT, 2005; MARTINS, 2008), e seus conceitos pilares são o contrato comunicativo, atribuído por um determinado grupo social, em dada situação sociointerativa; os sujeitos discursivos e seus projetos de comunicação; os tipos de texto e os modos de organização do discurso, além do foco na tríplex competência da linguagem – a situacional, a semiolinguística e a discursiva, constituindo todas estas competências a competência linguageira. Considerando-se a análise dos textos, observa-se que a intertextualidade pode funcionar como recurso coesivo, tendo em vista a coerência textual, e como modo de manifestação da argumentatividade inerente a qualquer texto; da mesma forma, em relação à interdiscursividade, ressaltam-se os pressupostos discursivos e os outros índices de polifonia, assim como a ironia, nas atividades de leitura e de produção escrita.

**Palavras-chave:**

Escolhas lexicais. Estilística. Intertextualidade. Interdiscursividade. Semiolinguística.

## 1. Introdução

É possível perceber na semiolinguística de Charaudeau (1996 e 2008) a influência bakhtiniana no conceito de produção discursiva ou enunciativa do homem, que leva à percepção do outro; de que todas as palavras, além das minhas próprias, são palavras do outro. Tanto para Bakhtin (1992 e 1995) quanto para Charaudeau, as palavras (concebidas como ação) pertencem ao indivíduo, embora não na sua totalidade, visto que pertencem também ao “outro”, segundo um prisma dialógico, confundindo-se no contato com outros discursos, com outros pontos de vista, crenças, enfim, constituídas ideologicamente.

Esta influência se prolonga quando Charaudeau diz que o homem, ao agir via palavra, está *transformando o mundo a significar em mundo significado*, portanto, de forma ativa, atuando sobre o mundo, retomando o conceito bakhtiniano da (transform)ação do mundo por meio das palavras.

Considerando tal perspectiva, assim como a de Jeda Maria Alves (2007, p. 77), pode-se compreender que o léxico estabelece relações com diferentes níveis de análise linguística – o fonológico, o morfossintático, o semântico e o textual (e, acrescentamos, o discursivo). É nessas relações que ele, numa espécie de interseção, extrai diferentes níveis/tipos de informação por caminhos diversos: dos sons, dos significados, dos morfemas, das combinações sintagmáticas, do uso linguístico e das situações comunicativas.

Nesse sentido, o *léxico* constitui “a totalidade das palavras numa língua, ou, como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras” (VILELA, 1994, p. 10).

Conforme afirma a mesma autora (VILELA, 1994, p. 24), “o conhecimento lexical é conhecimento da língua e conhecimento cultural (...)” e o processo de aprendizagem do léxico “não é um simples processo de aquisição de regras de referência ou representação, mas também um processo de aculturação”. Assim, pressupostos teóricos como a frequência textual, a relevância do termo lexical para a respectiva comunidade linguística, a função cultural do léxico (evidenciando relações metafóricas e metonímicas) são considerados na análise semântica.

## 2. *Pressupostos teóricos*

A estilística é uma disciplina linguística que estuda os recursos afetivo-expressivos da língua e que é dotada de um caráter descritivo-interpretativo, sem considerações de natureza normativa (CARVALHO, 2004). Nesse processo, ela leva em conta a situação, o contexto de uso e a interlocução estabelecida. Em outras palavras, a estilística considera *o que* do pensamento do sujeito está expresso no uso que ele faz da linguagem e *como* o uso da linguagem atua sobre sua subjetividade.

O *estilo*, elemento de natureza social, visto ser a atividade mental do falante é constituída em território social, advém da confluência das inúmeras vozes que participam da constituição da consciência individual. Em “O discurso na vida e o discurso na arte”, de 1926, assinado por Voloshinov, lê-se: “O estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma de seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa” (BRAIT, 2005, p. 93).

Segundo Brait (2005, p. 94-95), o estilo depende de como o locutor percebe e compreende seu destinatário e de que forma ele presume uma compreensão responsiva ativa.

Martins (2008, p. 97) conceitua a estilística léxica ou da palavra como o ramo da estilística que estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais – os atos de fala, por exemplo, resultam da combinação de palavras segundo as regras da língua.

As palavras gramaticais têm significação possível de ser apreendida somente no contexto linguístico, isto é, são dotadas de significação intralinguística. As palavras lexicais, por sua vez, mesmo isoladas, fora da frase, “despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações” (MARTINS, 2008, p. 104), e, por isso, diz-se que têm significação extralinguística, além serem dotadas de possibilidade constante de renovação, sendo denominadas de palavras de “inventário aberto”.

Conforme afirma Vilela (1994, p. 24), “o conhecimento lexical é conhecimento da língua e conhecimento cultural (...)” e o processo de aprendizagem do léxico “não é um simples processo de aquisição de regras de referência ou representação, mas também um processo de acultu-

ração”. Assim, pressupostos teóricos como a frequência textual, a relevância do termo lexical para a respectiva comunidade linguística, a função cultural do léxico (evidenciando relações metafóricas e metonímicas) são considerados na análise semântica.

Cabe ressaltar, neste momento, a função primordial da *lexicologia* – a de reunir as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo como no aspecto forma, abrangendo domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, e relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. Neste âmbito, as relações semânticas de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia interessam à lexicologia, área em associação com a estilística da palavra.

O léxico de qualquer língua apresenta estruturas lexicais e determinadas relações que lhe conferem sistematicidade, a qual provém das relações paradigmáticas e sintagmáticas; estas, alinhadas às perspectivas pragmáticas, comunicativas e cognitivas, estabelecem a interação com a *semântica*, entendida aqui como o estudo do significado das expressões das línguas naturais, considerados os aspectos contextuais e culturais.

Da mesma forma, produto do ato de enunciação é o enunciado, sequência acabada de palavras de uma língua emitida por um falante, sequência que, nas últimas décadas, dominou quase que exclusivamente a atenção da linguística (MARTINS, 2008, p. 231). Hoje em dia, tal perspectiva está um tanto quanto modificada, visto que há muitos estudos linguísticos cujo foco encontra-se na problemática da enunciação, na busca de compreender as leis enunciativas partindo do enunciado realizado.

Conforme o percurso dialógico adotado aqui, vale ressaltar que a *intertextualidade*, o aproveitamento ou citação de enunciados por um falante, é um assunto muito importante para a estilística da enunciação, visto ser fato que “um discurso geralmente inclui, de forma explícita ou implícita, perceptível ou velada, palavras, expressões, enunciados tomados a outros discursos” (MARTINS, 2008, p. 237). É também fato nos estudos sobre a polifonia textual que todos os falantes se apropriam de enunciados alheios, sem mesmo estarem conscientes disso.

Acrescenta-se, assim, a dimensão ideológica da *interdiscursividade*, a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, em identidade constante com o(s) discurso(s) de onde emerge, uma vez

que a enunciação “não se desenvolve sobre a linha de uma intenção fechada; ela é de parte a parte atravessada pelas múltiplas formas de retomada de falas, já ocorridas ou virtuais (...)” (CHARAUDEAU & MANGUENEAU, 2008, p. 287).

A escolha vocabular é de importância vital para a construção do sentido, sendo também necessária para se avaliar as intenções do autor ao elaborar seu texto – o vocabulário, então, apresenta-se como elemento revelador.

Conforme Graciela Reyes (1994, p.19), “a diferença mais elementar entre os significados que geramos ao falar ou escrever é que alguns são intencionais e outros não”. A *pragmática*, enquanto área de estudo, tem se concentrado na análise de como produzimos o significado intencional; é a análise de como dizemos *o que queremos dizer* e como compreendemos quando nos dizem *o que querem dizer*.

Seguindo o que foi desenvolvido até aqui, embora um aspecto textual como a coerência seja de ordem semântica ou formal, é ele que estabelece a relação entre a perspectiva semântico-lexical e a pragmática, perspectiva esta última que abarca fatores como *intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade*, todos centrados nos usuários (VALENTE et al., 2005). É a partir desses fatores, que os leitores estabelecem um processo cooperativo de compreensão do texto, colaborando para o projeto de sentido do texto.

### **3. Análise do corpus**

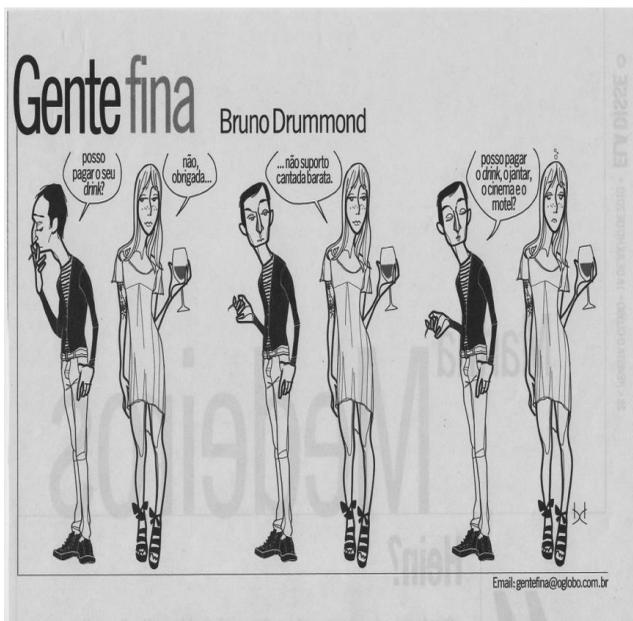
Levando em consideração os pressupostos teóricos, procede-se à análise do *corpus* de textos selecionados, ressaltando a utilização textos de natureza, gênero, funções e suportes diversos, a fim de que comprovar a validade da metodologia de análise que se propõe.

O cartum acima, de autoria de Bruno Drummond, faz parte da série *Gente Fina*, publicação dominical da Revista, de *O Globo*, série que tem como objetivo ser um olhar sobre os tipos de cariocas, registrando seus ridículos e seus excessos. A referida série é inspirada em tipos advindos da classe alta e da média-alta – dondocas com amantes, a filha badaleira do corrupto, as patricinhas que amam escova progressiva, as cantadas baixas de galanteadores nem tão charmosos.

Neste cartum, o elemento chave é o adjetivo “barata” que é entendido aqui de duas formas:

a) pela moça, como “aquilo que não tem classe, elegância”, o que faz com que interdiscursivamente entenda a proposta do rapaz como uma forma de “levá-la no papo” para depois, talvez, “levá-la para a cama”. Observamos aqui uma ampliação do campo semântico do adjetivo “barata” proposto pelo contexto em que se insere;

b) pelo rapaz, como “aquilo que se vende ou se oferece por preço baixo, ou comparativamente baixo, que não obriga a gastos elevados”. O *gatilho* linguístico (o mecanismo linguístico que em combinação com o contexto de produção leva ao humor – RASKIN, 1985) para o humor está exatamente nesta polissemia do item lexical, visto que o rapaz estabelece uma inferência com base em uma oposição antonímica (barata versus cara), ocasionando aí a sua proposta final: “posso pagar o *drink*, o jantar, o cinema e o motel?” em oposição a “posso pagar o seu *drink*?”.  
 ... não suponto cantada barata.



(Texto #1: cartum – Revista *O Globo*, 18-07-2010)

Podemos perceber que o humor se constrói também na base da oposição “qualidade” versus “quantidade”, na qual o último elemento se

mantém, visto que é possível compreender, embora achemos graça, que a cantada do rapaz continue sendo “barata”, segundo a primeira forma como foi entendida pela moça, colaborando para a coerência do texto.

Com o intuito de fornecermos outro exemplo da importância da interdiscursividade, em relação direta com a seleção lexical, na produção de sentidos no texto, transpõe-se a imagem digitalizada relativa a um texto da unidade 1, capítulo 1, de uma coleção de livro didático de língua portuguesa, do 6º ano do ensino fundamental.

### CURIOSIDADES



(Texto #2: tira em quadrinhos – (TRAVAGLIA et al., 2009, p. 39)

O personagem principal da história criada por Mort Walker, o Recruta Zero (nome original, Beetle Bailey) é o recruta do exército americano, lotado no quartel Camp Swampy. Originariamente, o personagem foi criado como um estudante universitário (aluno da Universidade Rockview), e já aparecia com os olhos cobertos por um chapéu. A tira nunca teve sucesso até que seu criador teve a ideia de alistá-lo no exército dos EUA, em 1951.

Depois da guerra, o Bronze do Exército Americano, seus oficiais superiores, sentiu a necessidade de tornar mais rígida a disciplina entre os soldados e acusaram o personagem de ser incentivador do desrespeito por oficiais – a tirinha foi banida no “Tokyo Stars” e no “Stripes”, mas os simpatizantes do personagem levaram-no a ter sua circulação ampliada para além dos anteriores 100 jornais<sup>38</sup>. Até na sua criação, o personagem vem carregado ideologicamente e se constitui por interdiscursos diversos.

<sup>38</sup> Fontes: <http://beetlebailey.com/about/> e [http://pt.wikipedia.org/wiki/Recruta\\_Zero](http://pt.wikipedia.org/wiki/Recruta_Zero).

O Recruta Zero é um soldado irreverente em relação ao sistema militar e é um cultivador nato da preguiça, com o lema “Nunca deixe para amanhã o que você pode fazer depois de amanhã”. Ele é o símbolo da exaltação da esperteza do soldado face aos seus superiores (desobediência aos seus superiores para se dar bem) e a maioria das situações vivenciadas por ele nas histórias referem-se a esse contexto.

No Brasil, a tradução livre para o nome do Recruta já é uma indicação do que ele representava para o quartel: como todos os soldados são identificados, reconhecidos e chamados por um número, ser o recruta “zero” significa ser um nada, alguém insignificante, mas também de quem tudo pode emanar. O curioso é que, na sua versão em inglês, o personagem que tem esse nome (Zero) é o Dentinho, soldado limitado intelectualmente, e seu nome constitui uma menção irônica a dois de seus dentes crescidos de forma proeminente.

Seu maior opressor é o Sargento Tainha (nome original, Sgt. Orville Snorkel), um ser rude, sem jeito com as mulheres, guloso e solitário que age sempre de forma hostil com seus soldados, em especial com o Zero.

Na tira apresentada no livro didático, dois interdiscursos concorrem: a) o interdiscurso recorrente, nas Forças Armadas, reforçado por parte de todo sargento e oficial superior, de que todo soldado é preguiçoso, de que dorme em serviço e b) o interdiscurso que envolve o personagem de Zero, ser preguiçoso, “vagabundo”, bem conhecido por todos que leem suas histórias, e que é perseguido pelo Sargento Tainha.

O humor parece vir exatamente da ativação dos dois possíveis interdiscursos, acionados ao mesmo tempo, e no cotejo dos dois é que ele se estabelece – fator esse que depende, de forma concomitante, na sua materialização linguística, do maior desempenho lexical da palavra “vagabundo”, que, sozinha, recupera os significados construídos pelos dois interdiscursos. Inserida no contexto da tira em quadrinhos e recuperada pelo pronome “isso”, na fala do Recruta Zero, ela deve ser compreendida considerando-se o contexto construído pela imagem visual da tirinha, a dos soldados no acampamento, permitindo a discursivização do humor.

Neste exemplo, podemos perceber como a escolha vocabular constitui-se de vital importância para a construção do sentido, sendo também necessária para se avaliar as intenções do autor ao elaborar seu texto – o léxico, então, apresenta-se como elemento revelador, conforme ficará mais claro no desenvolvimento da análise da tira a seguir.

Na tira em questão é possível observar o jogo de palavras, relacionado a uma leitura irônica, mas contextualizada no ambiente retratado e nos saberes compartilhados provenientes do senso comum. O Sgt. Tainha se dirige, muito provavelmente, ao Recruta Zero, enunciando “Venha aqui, *vagabundo*” e não “Venham aqui, *vagabundos*”; todavia, o Recruta Zero realiza uma sobreposição aos *scripts*, apelando para a ironia, enunciando “Ele vai ter que ser mais específico que *isso*.”, valendo-se do contexto retratado a sua volta (todos os outros companheiros também estavam desocupados, descansando ou jogando papo fora no acampamento, provavelmente durante o período do serviço que tiravam).

A atividade linguageira se concretiza exatamente aí neste momento, a partir da ativação de procedimentos de leitura de textos e elementos de natureza e tipologia (verbal e não verbal) diversas e, sem ela, o leitor não dispara o *gatilho linguístico* nem compreende a ironia inerente à situação.

A intertextualidade, por sua vez, constitui um recurso linguístico-discursivo que pode contribuir, dentre outras funções, para o estabelecimento da coesão e da coerência textual. Por ser de grande relevância na produção de sentidos, favorece a fruição da leitura, tanto de textos literários como de não literários, na medida em que viabiliza a plena compreensão dos mesmos, assim como permite ao receptor estabelecer conexões semânticas entre o texto de um autor e outros textos produzidos anteriormente. Em outras palavras, “o conhecimento e o uso criativo do mesmo recurso tornam mais competente, linguisticamente, o produtor de textos” (VALENTE, 2002, p. 177).

O interlocutor, no processo de adequada construção do sentido do texto, deve considerar as marcas linguísticas da coesão, elementos cruciais para o processo de compreensão textual. Nessa etapa do processo, ele age segundo ativação de seu conhecimento enciclopédico, de seu conhecimento partilhado e de seu conhecimento interacional.

Sobre a coesão, todavia, Beaugrande e Dressler (1981, p. 04) escrevem que a superfície do texto não é decisiva por si só e que há necessidade de interação entre a coesão e os outros princípios da textualidade para que a comunicação seja eficiente. A coesão está relacionada à intencionalidade e, quando realizada por elementos intertextuais, relaciona-se a referentes que auxiliam na contextualização dos quadros do texto, contribuindo para a construção da coerência.

José Carlos de Azeredo (2008, p. 90) escreve que ao construir o enunciado/texto, “o usuário [da língua] é guiado pela intenção/necessidade de tornar as entidades de que fala suficientemente inteligíveis/reconhecíveis para o interlocutor”; ele cita M. Tomasello (2003, p. 233) o qual esclarece que

as escolhas são determinadas em grande medida pela avaliação que o falante faz das necessidades comunicativas do ouvinte e do que ajudaria a lograr o intento comunicativo – que tipo de descrição, em que nível de detalhamento e a partir de qual ponto de vista é necessário para uma comunicação bem sucedida e efetiva...

Fairclough (1992, p. 84), por sua vez, afirma que um texto só faz sentido para alguém que dá sentido a ele, alguém capaz de inferir essas relações significativas na ausência de marcadores explícitos. É a coerência, todavia, que permite o estabelecimento de sentido, uma vez que ela depende de fatores situacionais, culturais, até inferenciais. A coerência textual depende não unicamente do enunciado, mas da intenção que se tem ao declará-lo.

Santos et al. (2012, p. 42) escrevem que ao ler “acionamos conhecimentos prévios que colaboram para a construção dos sentidos do texto” e, entre eles, citam o conhecimento intertextual, o qual “colabora para identificarmos as referências, explícitas ou implícitas, a outros textos” e ressaltam que a não identificação do texto-fonte “dificulta a percepção de algum aspecto peculiar do texto que retoma outro” (*Ibid.*, p. 43). Quando a coerência de um texto se realiza por meio da intertextualidade, exige-se que o interlocutor compreenda a intenção daquela referência e que, conhecendo o intertexto, atribua sentidos a esse novo texto.

Para fins de ilustração da teoria descrita, procedemos, no exemplo a seguir, à análise de um recorte de uma notícia de jornal.



(Texto #3: notícia de jornal - Cereja et al., 2007, p. 12)

Tendo em vista a necessária extensão deste artigo científico, foca-se aqui no título da notícia, o qual solicita do interlocutor, para contextualização de sua leitura e, conseqüente produção de sentido no texto, a ativação de estruturas mentais como o reconhecimento intertextual de “O grito” como título de tela/pintura, associando ao subtítulo, à primeira referência anafórica intertextual, representada por “Quadro de Edvard Munch”, um sintagma nominal e, depois, à segunda referência anafórica intertextual, “símbolo da angústia humana”, sintagma nominal integrado a uma oração adjetiva não restritiva ou explicativa.

O subtítulo, em sua medida, exerce função sintetizadora do contexto anterior ao fato agora noticiado: o *fato noticiado* é a recuperação do quadro “O grito”, de Edvard Munch; o *contexto anterior* é o roubo dos quadros do artista. Auxilia, também, na compreensão do título: portador da manchete do jornal, o título só é efetivamente compreendido, por muitos dos leitores, após o reconhecimento das referências feitas no subtítulo.

Em situação de uso desta notícia de jornal como material de sala de aula, o professor depara com três possíveis leitores: um que nunca ouviu falar de Edvard Munch e, em conseqüência, de suas telas; outro que conhece a tela e o seu título, mas não conhece o seu autor e ainda outro que conhece a tela, seu autor, mas não conhece a simbologia (símbolo da angústia humana) que lhe foi atribuída. De qualquer forma, as referências apresentadas (ou acrescidas) ao texto, no subtítulo, só vêm a esclarecer ou a reforçar a compreensão para o devido estabelecimento do sentido da leitura.

#### **4. Conclusão**

Uma vez que ensinar a ler e a escrever, com autonomia e autoridade, é um dos requisitos para a formação de um cidadão completo, apto a atuar socialmente e a modificar sua realidade e que o uso da língua prevê uma comunicação que se realize sob a forma de textos, sendo a eficácia do ato comunicativo devida à adequada produção e recepção escrita, entendidas ambas como um ato social, faz-se imperativo que, enquanto professores de linguagens, estejamos sempre atentos às nuances que se apresentam quando olhamos atentamente para os textos, para os discursos a nossa volta, sem medo de abrir as portas e janelas e entrarmos, cada vez mais, em sua constituição.

Considerando os textos analisados, é possível perceber como a escolha lexical configura-se como fator primordial na sua elaboração, ativando fatores de textualidade, que poderiam não ser invocados de outra forma, entendendo como a compreensão e a produção de um texto vão além de apenas compreender ou organizar palavras em frases e parágrafos, mas acontecem por meio do estabelecimento de “um amplo mecanismo a partir do qual o pensamento e as pretensões comunicativas do autor se apresentam para reflexão e avaliação do leitor” (HENRIQUES, 2008, p. 106).

Revela-se neste estudo, a partir da interação dos saberes e princípios da linguística textual, da pragmática, da estilística, da lexicologia e da semântica, além da gramática, em perfeita sintonia com a perspectiva transdisciplinar da semiolinguística, esta embasada na perspectiva dialógica bakhtiniana do discurso, que a construção do significado tem como um de seus elementos relevantes a seleção lexical, entendida como uma ação linguística de materialização do lugar de constituição e de interação dos sujeitos sociais.

Em tal seleção lexical, podemos identificar a intertextualidade e a interdiscursividade como instrumentos de construção e produção de sentidos, ajudando na expansão da capacidade de compreensão e de interpretação (e, acrescentamos, de produção) de textos.

Faz-se necessário, então, mostrar aos nossos alunos como o estudo e o conhecimento da língua, de suas possibilidades estilísticas e de sua capacidade de inovação e renovação, quando aplicados a atividades de leitura e produção textuais, pode levá-los a exercer de fato o domínio da expressão linguística, assim como dos processos enunciativos de um texto.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. Neologia e níveis de análise linguística. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico*, vol. III. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. *Introduction to text linguistics*. London; New York: Longman, 1981.
- BRAIT, Beth. Estilo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CARVALHO, Castelar de. Estilística e o ensino de português. *Cadernos do CNLF*, vol. VIII, n. 12 – língua e estilo no texto literário. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza C. *Todos os textos*: 7º ano. São Paulo: Atual, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias et al. (Orgs.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996, p. 5-43.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- DRUMMOND, Bruno. Gente fina. Revista *O Globo*. Rio de Janeiro: 18 de julho de 2010.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. O estudo do léxico e da sintaxe a serviço das aulas de português. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília. *Língua portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008.
- KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto. 1990.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp, 2008.
- POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- RASKIN, Victor. *Semantic Mechanisms of Humor*. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1985.

REYES, Graciela. *La pragmática lingüística: el estudio del uso del lenguaje*. Barcelona: Montesinos, 1994.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura A. de Freitas; ARRUDA-FERNANDES, Vania M. B. *A aventura da linguagem: 6º ano*. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

VALENTE, André Crim. O processo de criação das charges. Mesa-redonda com Ique e Aroeira. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. SANTOS, Denise Salim; CORADO, Patrícia Ribeiro. Lexicologia e discurso na mídia e na literatura. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (Orgs.). *Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.